



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2020: SIC - XXXII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2020
<b>Local</b>	Virtual
<b>Título</b>	Meninos que dançam? Construções de masculinidades através das narrativas de jovens bailarinos
<b>Autor</b>	LAYLA NICOLY MATTOS MEDEIROS
<b>Orientador</b>	ROSEMARIE GARTNER TSCHIEDEL



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
NEPPICS - NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM PROCESSOS  
INSTITUCIONAIS, COLETIVOS E DE SUBJETIVAÇÃO  
LAYLA NICOLY MATTOS MEDEIROS  
ORIENTADORA ROSEMARIE GARTNER TSCHIEDEL

### **Meninos que dançam? Construções de masculinidades através das narrativas de jovens bailarinos**

A pesquisa trata-se de um recorte de estudo que buscou cartografar os processos de subjetivação na experiência do dançar com jovens de uma companhia de dança do município de Porto Alegre. Ao me encontrar com o campo de pesquisa, pouseu meu olhar nas questões de gênero, enfatizando a construção de possíveis masculinidades (CONNEL, 1995) que passam pelo dançar. A pesquisa se justifica no “entre”, na transversalidade de discursos da psicologia social e institucional, da dança e das masculinidades, campos comumente explorados isoladamente, porém ainda pouco aprofundados de forma relacional. O objetivo do estudo é analisar as construções de masculinidades, através das narrativas de jovens acerca das suas vivências na dança. Apoiada em pistas do método da cartografia (PASSOS; KASTRUP; ESCÓCIA, 2015), foram utilizadas as seguintes ferramentas metodológicas: participação em apresentação da companhia antes da pandemia (Covid-19) e realização de entrevistas semi-estruturadas por vídeo chamada com três bailarinos/as com idade entre 15 e 21 anos residentes em regiões periféricas de Porto Alegre. Considera-se que o processo de subjetivação dos sujeitos (MANSANO, 2009) é atravessado por forças instituídas que historicamente determinam papéis de gênero, implicando nas escolhas de jovens sobre suas práticas corporais e seus modos de viver. A dança, como linguagem artística inscrita na cultura, tende a reproduzir essas representações de gênero. No entanto, de acordo com os resultados parciais da pesquisa, há uma potência do dançar em borrar os limites entre “o que é de menino” e “o que é de menina”, permitindo, ainda, uma abertura ao sensível, que costuma ser dissociada da construção de masculinidade hegemônica. Nesse sentido, verifico que a dança ultrapassa o espaço cênico, tornando possível construir outros significados, como exemplo os determinantes de gênero e masculinidade, contribuindo para que jovens possam explorar suas potencialidades discursivas através da dança.